

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CURIOSIDADES DE GUIMARÃES. VI FEIRAS E MERCADOS.**

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1939 | Número: 49

---

### **Como citar este documento:**

BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. VI Feiras e Mercados. *Revista de Guimarães*, 49 (3-4) Jul.-Dez. 1939, p. 136-177.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Curiosidades de Guimarães

---

VI

## Feiras e Mercados

### **As feiras de Guimarães e os seus lugares de arrumo. A vida dos mercados.**

As feiras, dentro dos primitivos agrupados, desempenharam uma das mais imperiosas necessidades de serventia social.

E mercê de tais foros de mercado é que muitos lugarejos, na gestação do seu agrilado desenvolvimento, foram adquirindo a personalidade do seu valor real, lentamente, e ajudados depois por um colectivo esforço de energias bem conduzidas.

À roda dos domínios geográficos de cada região, as feiras deram nome e realce aos produtos dos seus naturais, pelas permanentes demonstrações da sua actividade comercializada. Souberam também desembaraçar os recursos próprios de cada uma, com incitamentos louváveis para todo o engenho do trabalho e da cultura rural.

As feiras, na reguladora perspectiva da sua marcha, foram o principal e melhor condutor do progresso das antigas localidades, fazendo sobressair as características mais vivazes que se ajustavam ao gôsto e ao sentimento das populações.

Presentemente, para o estudo dos povoados e conhecimento da índole dos seus habitantes, as feiras podem fornecer-nos importantes subsídios, sob vários

aspectos fundamentais e de feição local, assim classificados:

Primeiro — sob o aspecto histórico: pela descrição e determinações múltiplas que delas fazem os alvarás e privilégios reais, e pelo que delas se occuparam as Câmaras, as Côrtes e as Estâncias Superiores, nos agravos e recursos lavrados pelo povo, pelos comerciantes, pelos almotacés, meirinhos e gentes da governança municipal;

Segundo — sob o aspecto económico: pelo lucrativo amealho das transacções e pelo movimentado comércio que elas provocam, pela receita administrativa dos impostos e das taxas de occupação de lugares, etc.;

Terceiro — sob o aspecto etnográfico: pelo que nos revelam dos trajos, dos usos e costumes (1) e da variedade enorme dos objectos de fabrico local, rústico e caseiro, ou de artístico arranjo, como sejam as louças, os vimes, as rendas, os bordados e ainda sôbre a diversidade dos utensílios da lavoira, do forno, da casa, do lagar, da eira, do carro, do fiado, da vindima, etc.

Demais, as feiras e os mercados são uma permanente exposição de viva etnografia e de rodopio folclórico, um desdobrado documentário de relêvo, onde se observam tôdas as preciosidades directamente relacionadas com o valor da terra e da officina.

As primeiras feiras de Guimarães surgiram no século XIII, e foram estabelecidas lá para o cimo, na vila alta do Castelo.

— Em 16-5-1258 D. Afonso III, estando em Guimarães, fixou quatro feiras anualmente no têrmo do Castelo, com a duração de quatro dias cada uma: no meado de Março, Junho, Outubro e Dezembro.

---

(1) Nas feiras ainda se usa o alqueire, o quarteirão, o cento, a libra de linho, afusal e meada de linho, etc. As cebolas vendem-se ao cabo (12 pares e meio — 25), as cerejas à roca e à malga e os tremoços ao copo. Empregam-se ainda os mil réis. Dois mil réis, cinco mil réis, uma coroa (500 réis), um cruzado (400 rs.), um pinto (480 rs.), um quartinho (1\$200 rs.), uma moeda (4\$800 rs.), uma libra (4\$500 rs.), um pataco (40 rs.). Uma nota são cem escudos, de maneira que é vulgar dizerem os lavradores que uma junta de bois custou 14 notas e meia.

Tinham estas feiras valiosos privilégios, para as tornar fartamente concorridas (1).

— Foram depois extintas por D. Fernando em 20-9-1369, e substituídas por uma semanal na vila de Guimarães. Mas em 1372 voltaram a ser restabelecidas pelo mesmo rei.

— D. Afonso IV criou uma feira franca anual, que duraria um mês, desde 1 a 30 de Abril. Esta feira foi reduzida a oito dias e fixado o seu comêço na primeira oitava de Páscoa por el-rei D. João III, provávelmente nas Côrtes de Santarém, segundo o Abade de Tãgilde, ou por D. Duarte nas Côrtes de Évora, segundo opinião de Eduardo de Almeida.

— D. Afonso V estabeleceu determinada sisa, em 1444, sôbre uma feira que se «faz na lial billa de Guimaraaes e que dura quinze dias de cada huũ ano».

— Este mesmo rei, em 1452, criou a feira franca de Agôsto em cada ano, cercando-a de muitas e valiosas franquias e privilégios, a qual começará aos sete dias de Agôsto e durará até dezassete dias do dito mês.

— Em 1498 D. Manuel transfere a feira Real de Agôsto para os dias 15 a 25, a requerimento dos vimeanenses, que para esta mudança invocaram a conveniência de que ela começasse ao mesmo tempo que uma romagem que então se fazia à S.<sup>a</sup> da Oliveira.

— Por provisão do mesmo rei, dada em Lisboa em 29-6-1511, voltam novas determinações sôbre esta feira, quanto aos dias da sua realização. Outra provisão dada em Almeirim em 9-3-1526, por D. João III, confirma a que foi dada em 29-6-1511.

— Em 1681 aparece um alvará determinando que a feira que se fazia todos os quinze dias de cada mês

---

(1) «Como a vèlha povoação principiasse a entrar em decadência, aquelas feiras foram em rápido depercimento, a concorrência escasseou e para maior desgraça alguns dos moradores, levados por espirito de sórdido interêsse, concorreram em grande parte para aplanar o caminho à extinção completa dos foros da vila. Os mercadores de gêneros de primeira necessidade, pão, carne e peixe, que por aqui faziam negócio pouco lucrativo, buscaram fora os consumidores, que lhes minguavam.» — (*Revista de Guimarães*, vol. XV, pág. 11).

junto da ermida de Santo Amaro (S. Vicente de Mascotelos), passasse a fazer-se na vila, no último sábado de cada mês, em virtude dos roubos, enganos e descaminhos, que naquele lugar se davam. Uma vereação em Outubro de 1680 já tinha ordenado a mudança, que só se efectuou depois de publicado esse alvará.

— Em 1688 a feira mensal que se realizava na vila, passou a quinzenal, por alvará régio lavrado a pedido da Câmara.

— Em 1732 passou a realizar-se, por provisão de el-rei D. João, a feira semanal, todos os sábados, que ainda hoje se realiza.

— A *feira anual da Rosa* é também uma feira muito antiga, de gado bovino, que primitivamente se realizava no Campo de D. Afonso Henriques, no 1.º domingo de Maio.

Noutras eras os lavradores traziam os seus gados enfeitados de flores e iam à porta do extinto convento de S. Domingos aspergi-los com água-benta, que os frades lhes ministravam numa grande bacia de cobre, colocada fora da porta da igreja (!).

Esta feira ainda se realiza no mesmo dia e no mesmo sítio, hoje chamado Campo do Salvador (Cano).

— Em vereação de 11-4-1860 foi resolvido representar à Junta Geral do Distrito para ser criada uma feira pública e franca de gado cavalariço, bovino, suíno, e de objectos comerciais e produtos artísticos e agrícolas, principiando no dia 3 de Maio de cada ano e a findar no dia 7.

Só quasi um ano depois, em sessão de 6-3-1861, é que a Câmara resolveu anunciar esta feira, que se realizaria no Campo do Salvador desde 3 a 7 de Maio, em diversos jornais.

Tôdas estas tentativas da feira dos 5 dias, foram nem mais nem menos que um querer ressuscitar com auguradas promessas, a decaída feira anual da rosa.

---

(!) *Guimarães*, pelo P.º Caldas, vol. I, pág. 102. Ver sobre o assunto feiras, o «Independente» de 5-8-1906 e as cartas, alvarás e provisões, no vol. *Romagem dos Séculos*, de Eduardo de Almeida, e Efemérides de João L. de Faria.

Efectivamente, logo no domingo 3 de Maio do mesmo ano de 1861 esta feira se inaugurou, durando apenas até o dia 5 (3 dias).

Em 1863 «a feira da rosa, anunciada para 5 dias, ficou reduzida a 1 só dia, e não prestou».

Mas as tentativas continuavam:

Em 7-5-1882 a Câmara distribuiu na feira da rosa, que se realizou no Cano, com a assistência dos vereadores e do júri classificador, dois prémios pecuniários e duas menções honrosas.

E anualmente realizada no 1.º domingo de Maio, esta tradicional feira se manteve, e mantém ainda, embora frouxa.

— A vereação de 10-7-1889 resolveu unânime-mente criar no Campo da Feira uma feira anual de gado bovino e cavalariço, nos dias 24, 28, 29 e 30 de Junho, e um concurso de bois gordos e cavalos nacionais, com quatro prémios (1).

As freguesias mais importantes e populosas do concelho, aquelas onde o seu labor industrial era mais acrescido, tiveram a permissão das Câmaras para realizar as suas feiras, fermento de expansão e de economia locais, mas que de certo modo foram prejudicando as vantajadas proporções dos mercados da cidade, que tinham a sua carreira de posturas e a sua fama estabelecida.

— *S. Vicente de Mascotelos*: Embora a vereação de 26-10-1680 ordenasse a mudança da feira que quinzenalmente se realizava em Santo Amaro, para o Toural, na vila, por o procurador do concelho alegar que havia anos se não cobravam os direitos dela, por ser o lugar aberto e descampado, pouco tempo durou esta sanção, pois que passando de quinzenal a anual, voltou a efectuar-se na área da freguesia, e assim vem de alguns séculos até hoje. Ainda ali se efectua a 15 de Janeiro de cada ano, sendo a maior do concelho, porque é a reguladora dos preços do gado bovino.

— *Ronfe*: Em 1707, no lugar do Souto, fazia-se uma feira de gado, de quinze em quinze dias. Depois foi criada uma anual, de gado cavalariço e muar,

---

(1) «Imparcial» de 16-7-1889.

que se realizou durante larga temporada no lugar do Caineu.

— *S. Torcato*: Realizava-se em 1869 uma feira mensal na Devesa do Maio. Em 24-2-1870 a Câmara resolveu a criação da feira anual nos três dias seguintes ao domingo 1.º de Julho, em que se celebra a festividade do Santo, e quinzenal, em domingos alternados. Em 10-3-1870 modificou a Câmara a deliberação, criando uma feira mensal no segundo domingo de cada mês. Em 14-10-1885 volta a Câmara a deliberar que a feira, que se fazia na segunda-feira depois da romaria grande, se mudasse para o terceiro domingo de Maio, e os mercados mensais, que eram nos segundos domingos, se realizassem na primeira sexta-feira de cada mês. Em 1931 foi criada uma feira de gado bovino e suíno, que se promove na Devesa do Maio a 27 de Fevereiro, a par de certa festividade religiosa. E' esta a que actualmente se realiza.

— *Santa Maria de Airão*: Há uma feira semanal, que se efectua tódas as sextas-feiras. Foi criada em 1879 ou 1880.

— *S. Jorge de Selho*: Realiza-se, no Pevidém, uma feira semanal, ao domingo.

— *Moreira de Cónegos*: No lugar conhecido pelo Portal da Cancela (Entroncamento), realiza-se a chamada *feira bovina de S.º António* (¹). E' anual, e efectua-se no domingo anterior ao dia de S. José, que é a 19 de Março. Foi criada há dez ou doze anos.

— *Nespereira*: Foi inaugurada em 2 de Abril de 1939 uma feira de gado bovino nesta freguesia, que se realizará anualmente, no 1.º domingo de Abril, com prémios aos melhores expositores (²).

— *Vizela*: O mercado semanal, que se realiza nesta povoação tódas as quintas-feiras, foi criado em

---

(¹) Na freguesia de Moreira existe a Sociedade Bovina de Santo António, que promove a feira. E' uma benemerita instituição de mutualismo, onde os lavradores das freguesias de Moreira, Lordelo, Conde, Caldas, Guardizela e Serzedelo, têm o seu gado assegurado, mediante uma reduzida quota.

(²) Nesta freguesia existe uma Sociedade Bovina igual à de Moreira, que é quem promove a feira.

Janeiro de 1835. Dantes as suas feiras realizavam-se a 7 e 22 de cada mês.

— *Taipas*: Realizam-se nesta povoação um mercado semanal, tôdas as segundas-feiras, e uma feira anual no dia de S. Pedro, a 29 de Junho. Dantes realizava-se nesta povoação uma outra feira anual, no domingo seguinte a 3 de Fevereiro.

— Em vereação de 15-3-1806 várias pessoas da freguesia de S. Martinho de Sande declararam concordar no estabelecimento de uma feira franca no lugar da Gandra de S. Cláudio, chamada de Sabroso, como requerera Pedro Machado de Miranda, Monseñor da Patriarcal. Chegaria a realizar-se?

Tôdas as relações materiais e todos os interesses económicos do concelho giram à volta destes mercados e feiras, elementos principais da moderna vida social.

Vê-se que Guimarães nunca descurou, nas dificuldades dos tempos de longe data, a organização económica dos seus mercados. As condições dominantes da sua situação, a vantagem do seu constante progredir no labor das actividades industriais, o auxílio que alvarás e privilégios concediam às suas feiras francas, foram suficientes objectivos para revestir de importância tôda a série longa e vasta dos seus mercados, tornando-os concorridos e fartamente assegurados de colaboração ambulante.

Alguns anos antes das primeiras feiras, já em *Guimarães havia, em 1254, açougues do rei e açougues do concelho*, que eram, nem mais nem menos, por essa época, os locais onde se vendiam os géneros de primeira necessidade (1).

---

(1) «Açougue era o local da vila onde quotidianamente, em lojas ou barracas, e fora delas, não só se fazia venda de carne, peixe, hortaliça, azeite e outros géneros, mas se comerciava também em diversas mercadorias. Era portanto o mesmo que *praça* ou *mercado* diário. Em muitos concelhos nota-se a existência de *açougue* e de *mercado*, parecendo-nos provável que por êsse último vocábulo se designasse aí a feira que se reunia em dia certo da semana.» — (*História da Adm. Públ. em Portugal*, por Gama Barros, vol. II, pág. 156). Ver também o vol. I, pág. 50 e 51, do *Elucidário*, de Viterbo.

Diz Alberto Sampaio que consta das Inquirições (págs. 736 e 737) que Afonso Henriques deu aos moradores *intus castelli*,



E' desde os meados do século XIII, porém, que as feiras tomam grande incremento no nosso país.

Por essas épocas, as localidades abastavam-se a si, com a maior soma de produtos agrícolas, a principal riqueza do nosso solo úbere, e com a diminuta reserva dos seus labores manuais, para o restrito remedeio das gentes que se premiam à roda dos pequenos lugares muralhados.

Assim por todo o Minho, e assim entre nós, a gravação das feiras teve o seu comêço, lento, custoso, incerto.

E quando, mais tarde, pelo despertar de novas necessidades públicas, os dois agrupados vimaranenses, as duas vilas, fizeram as pazes numa junção amiga, estenderam-se desde logo as suas ramificações laborosas e outro ambiente de comercialidade fecundou os recursos próprios, que aumentaram, na medida ousada do trabalho e da produtividade concelhia. A população foi subindo de volume, e anos após anos, enquanto se renovavam processos e as muitas e diversas trans-

certos privilégios, confirmados por D. Sancho I. E aí, o rei, além de açougues, de um forno e terreno não edificado, tinha a sua própria habitação. — («Independente» de 5-8-1911).

Em Guimarães, aí por 1612, a casa dos açougues públicos ficava perto dos Paços do Concelho, como se vê pelo Tombo, mandado fazer neste ano a requerimento da Câmara.

Séculos passados, claramente se verifica que aos açougues foi dada a sua função própria de serventia. Eram locais onde se vendia exclusivamente a carne e onde se abatiam os animais. E' certo que ainda topamos uma nota de 1640 que nos diz vender-se vinho nos açougues.

Em sessão de Câmara de 22-9-1778, foi designado o lugar por baixo do terreiro do Pelourinho, por ter aí água e ser arrabalde chamado de rua de Couros, para se construir novo açougue e suas oficinas.

Um mês depois não acharam êste terreiro apto, escolhendo um lugar junto à Torre dos Cães.

As religiosas de Santa Clara protestaram, alegando epidemias e de ficar o muro da cêrca facilmente escalável. O povo, e só o povo, porque tôda a nobreza faltou, deu o sítio como bem escolhido, sendo indeferido o requerimento das freiras.

Meses passados, visto não haver dinheiro para construir o novo açougue e suas oficinas, foram intimados os marchantes a mudar do açougue, em oito dias, os matadouros, para o sítio de Relho.

Rua dos Açougues foi o primitivo nome da Rua do Anjo.

formações corriam o seu leito no govêrno económico e progressivo, as feiras tiveram de ser mais amplamente duradoiras quanto aos dias de curso, e depois até dobradas de quinzena em quinzena, a resvalar para os estabelecidos mercados semanais.

Começaram depois a ter vulto e nomeada as grandes festividades e as grandes romagens que irradiavam da Sé vimaranense uma luz áurea e abençoada de saúde e amor.

As vontades cirandeiras dos obreiros iam-se adestrando nos manejos da maquinaria fabril, ao mesmo tempo que os campos eram arroteados para o abundantíssimo enceleiramento do pão, do linho e do vinho, colheitas mais propícias ao agrado do lavrador e à sequeira das nossas terras de restivada sementeira.

Desde os começos do século XIV, o tráfego interno deitou a desdobrar-se numa variedade crescente digna de nota.

As indústrias iam apurando e desenvolvendo a sua esfera de acção. Depois notabilizaram-se e alcançaram prosperidade e crédito.

A cutelaria, a fiação de linho, a ourivesaria <sup>(1)</sup>, o fabrico de pentes e de couros infiltraram por lonjuras um comércio inspiradamente afiançado e praticamente lucrativo <sup>(2)</sup>.

(1) «Uma das indústrias mais adiantadas e florescentes de Guimarães, nos séculos passados, e na época presente, tem sido e é a ourivesaria. Conta essa cidade muitas oficinas de ourives de ouro e prata. Os ourives de Guimarães não sobressaem na invenção de obras de gosto, como acontece em geral, por diversas razões, a todos os nossos artistas; mas imitam com admirável propriedade e perfeição.» — (Artigo de Vilhena Barbosa, no *Archivo Pittoresco*, vol. IV (1861), pág. 12).

(2) Os nossos tamanqueiros, cutileiros, fanqueiros e sobretudo os ouriveseiros, concorriam às feiras mais importantes e retiradas, desde Trás-os-Montes até o Algarve, onde montavam barracas de madeira, com o seu balcão e estantaria de arrumos, feitas de tábuas de fôrro e meio, mostruários pendentes e sortido variado e razoavelmente completo. (Ver págs. 36 e 65 do *Relatório da Exposição Industrial de Guimarães em 1884* e *Os mesteres de Guimarães*, por A. L. de Carvalho, pág. 117).

— Por esta curiosa notícia se avalia das estiradas que calcorream os nossos ourives feirantes: «Em 1821 um grupo de salteadores atacou em 14 de Outubro, na ribeira de Sarzedinha (Proença-a-Nova), um ourives de Guimarães que se dirigia à feira da Sertã

A toponímia local dos séculos XI a XIV atesta, inofismavelmente, a existência primitiva de alguns mesteres: ruas da Forja, Sapateira, Peliteira, Correeira, Seleira, de Couros, Ferraria ou Ferreira, Trás-Oleiros e Caldeiroa.

Assim também a permanência de algumas feiras em determinados locais da cidade, deram a êsses sítios o nome por que ainda são fielmente conhecidos pelo povo.

No largo onde está a reconstrução do castelo dos Almadas, porque ali, por largo espaço de anos, se vendeu o leite, é lugar conhecido e designado pela *feira do leite*.

A rua da República, antiga rua da Rainha, ainda hoje o povo lhe chama a *rua dos olives* (ourives).

O *largo dos cestos* é além, nas Lajinhas, côrdouro relvoso ao cimo da rua de Camões. Ainda há poucos anos naquele lugar se vendiam os objectos de vime e mobiliário caseiro de pinho e cerdeira: berços, camas, masseiras, pás, mesas, cadeiras, cómodas, balaios, cestos, condessas, etc., etc.

Antigamente, porque o fiado se vendia em volta de um cruzeiro que estava no Toural, ficou conhecido e muito falado foi o *cruzeiro do fiado*.

No princípio do século XV são falados a *Praça e Alpendre das Teigas* (1).

Ainda em setecentos a toponímia nos revela a existência de certa actividade comercial: Rua dos Fornos, do Gado, Praça do Peixe, da Tulha, Alfândega, Açougues e Eira do Forno. Mais modernamente a Rua Nova do Comércio (hoje de Egas Moniz) e Rua Nova do Mercado (hoje de Paio Galvão).

Os largos e terreiros onde se realizam as feiras dos cereais ou do gado, ficam desde logo singela-

---

do dia seguinte, roubando-lhe cêrca de seis contos em objectos de ouro e prata e em dinheiro, além dos dois machos que levava. Não contentes com isto, ataram-lhe os pés e as mãos, abandonando-o no meio do caminho.» — (*A Sertã e o seu Concelho*, pelo P.<sup>o</sup> António Lourenço Farinha, pág. 113).

(1) Em 16-IX-1449: Emprazamento perpétuo de casas que confrontam com a Praça e Alpendre das Teigas e as outras duas partes com as ruas públicas de Vasco do Couto e da via Sagra.... — («Revista de Guimarães», vol. XVIII, pág. 113).

mente crismados: a *feira do pão* (assim por muito tempo foi conhecido o Largo de S. Francisco, e hoje é conhecido o Largo da Condessa do Juncal); a *feira do gado* (chama o povo ao Campo do Salvador, por ali se realizar aquela feira) e também por *campo da feira* é vulgarmente apelidado o Largo da República do Brasil.

«A rua dos Mercadores, pelo menos desde 1340, é prova de que já então o comércio tomara o incremento necessário para dar nome a uma rua. Mas as indústrias não se acantonavam decerto exclusivamente no agregado urbano. Como ainda hoje sucede, deviam achar-se em grande parte disseminadas pelas freguesias rurais, tendo apenas em Guimarães o seu entreposto comercial, centro de consumo e exportação. Os toponímicos Santa Eulália de Pentieiros e S. Vicente de Oleiros, com que nas Inquirições de 1258 se designam, justificam êste modo de ver, à míngua de mais provas» (1).

A indústria e o comércio, entre nós, alargaram de capacidade durante a primeira dinastia.

Mais tarde, pelo correr da segunda dinastia, os mercadores dividiam-se em duas categorias. Havia os do comércio retalhado e os que faziam «comércio duplo, indo vender ao estrangeiro os produtos da terra e trazendo para Portugal aquilo que cá era facilmente negociável».

A comarca de Guimarães, com perto de trinta concelhos e um rôr de freguesias, tinha um vaivém de lida interna de acrescido valor, despachando por longe, em estafetas e almocreves, a sua progressividade industrial.

E com altibaixos muito próprios dos assinalados, prementes e contínuos movimentos políticos e sanhas de odientos partidarismos, que fazem oscilar e definhar tôdas as fontes e arroteios de riqueza e de progresso, esta terra econòmicamente se manteve. Reagiu também nos períodos críticos das guerras, das pestes, do jugo tirânico de Castela, das invasões e dos concertos

---

(1) *O Concelho de Guimarães*, por João de Meira, pág. 67.

custosos e pesados que se operaram na política financeira e renovadora de vários reinados.

E lá se agüentou, prêsa aos sentimentos nobres do trabalho, suportando o carrêgo dos impostos, das contribuições e das crises, naqueles dificultosos lances em que os governos lançavam as maiores talhas, peitas e fintas para as guerras e para as abaladas das aventuras e das conquistas.

Nunca, porém, o burgo vimaranense perdeu o seu cotio habitual, e quem à sua população entregasse os olhares, embora num aligeirado observar, pelas horas primeiras do dia às da bôca do escurecer, fãcilmente concluiria que Guimarães se desdobrava em várias colmeias industriais, sendo as suas artérias de feição aranha, cortadas pelos magotes videirinhos dos obreiros de pão e caldo.

E desde as mais modestas indústrias, daquelas que em apequeneirados tugúrios se alentavam ao rubro da forja ou ao matraquear dos teares manuais, até às que industrialmente se remexiam em largueza de maquinaria e silvos de vapor, lá foram umas progredindo, pelo esforço dos homens e competência administrativa, e lá se foram outras à morte, pela falha de mercados ou pela falta de condicionamento e adaptação aos progressos que necessitavam acompanhar, para assim mais desembaraçadamente competir em preços e rivalizar na qualidade dos artigos (1).

Na indústria é preciso acompanhar os ensinamentos do progresso, e as mais firmadas idealizações da perfeição, para produzir mais e melhor, com reduzido dispêndio, e competir depois com o mínimo de lucro, para atingir o máximo volume de vendas.

*Vender barato para vender muito, ou mais valem muitos cinco que poucos dez,* são frases feitas onde

---

(1) «Guimarães fica num vale delicioso, e tem arredores lindíssimos, e é contudo talvez um pouco triste. É uma cidade muito industrial; são famosas as suas serralharias, cutilarias e fábricas de panos. Outra indústria que também tem uma importância relativa é o fabrico de doce. Os arredores são férteis e bem cultivados.» — (*Dicionário Popular*, por Manuel Pinheiro Chagas).

— Ver o valioso estudo «Subsídios para a História das Indústrias Vimaranenses», por Avelino da Silva Guimarães, na *Rev. de Guimarães*, vol. IV e seg.<sup>es</sup>.

assenta o primeiro pé-de-meia da riqueza, bases caseiras que a ensinança popular aconselha, e que grandes milagres têm operado em avantajadas emprêsas.

O pequeno comércio andou sempre na balança das oscilações industriais.

Melhorava ou piorava, progredia ou enfraquecia consoante o trôço de transacções que as grandes e pequenas indústrias operassem.

Nunca, porém, entre nós, e em tempo algum, o pequeneiro comércio saíu da minguada esfera do seu retalhado e mal servido mercadejar, rotinice de boticas, locandas e bafientas baiúcas de negócios mistos e miúdezas quinquilheiras.

Senão vejamos:

— As padeiras tinham de aferir pesos e balanças, e tinham de dar o pão com o pêso da tabela a cada vintém, segundo a estiva semanária e empregar farinhas não adulteradas, pesar à vista do comprador e permanecer dos lugares que lhes destinassem.

— Os moleiros só podiam tirar de cada alqueire uma maquia e eram obrigados a ter gua da-pó de estopa para amparar as farinhas. Eram obrigados a ter gato e uma ratoeira armada, sendo-lhes proibido ter no moínho galinhas, porcos, cães ou outro animal que pudesse estragar a farinha.

-- Os taberneiros não podiam misturar água no vinho, nem misturar novo com vélio; eram obrigados a aferir os lotes de medidas que tivessem e ter funil com ralo <sup>(1)</sup>.

— Os carneiros eram obrigados a aferir os pesos e balanças, mês sim, mês não, e eram obrigados a vender carne aos pobres, até uma quarta, e não demorem maliciosamente os compradores, devendo aviar primeiro quem primeiro chegasse <sup>(2)</sup>.

(1) Em 5-6-1728 já a Câmara tinha proibido: o atravessar galinhas, ovos, frufas e mais comestíveis; a qualquer mesteiral comprar molhos antes do meio-dia, devendo ter aberta a porta até acabar de tanger o sino de correr, não podendo depois disso fazer nem consentir arruídos. Os mesteirais de vinho não podiam ter as gamelas no chão, mas sôbre um banco, para aí medir. — (Efeméride de J. L. de Faria).

(2) Em vereação de 16-6-1666 foram *mandados prender e carregar de ferros* certos marchantes, por se oporem a cortar

— As regateiras de peixe, as regateiras de aves, caças, frutas, hortaliças e sementes, também tinham as suas prescrições.

— As doceiras e biscoiteiras que vendessem doce com areia, pó de pedra ou qualquer ingrediente que lhe aumentasse o pêso, pagavam a multa de 1\$000 réis. Eram obrigadas a ter o doce em toalhas lavadas e com tôda a limpeza.

— Os mercadores e lojistas que vendessem fazendas brancas ou de côr, eram obrigados a aferir as suas medidas, e a medir por côvado ou vara sôbre o mostrador e não com as mãos. As fazendas infestadas, tinham de medi-las pelo festo.

— Os mesteiros além das medidas ordinárias eram obrigados a tê-las miúdas, para o azeite e graxa a vender aos pobres. Os que vendessem velas de cera ou cebo eram obrigados a vendê-las por pêso e não por cambada. As velas deviam ter pavios de linho ou de algodão e nunca de estôpa.

---

a carne pelo preço determinado pela Câmara. Supomos que não se chegou a executar tão dura pena, pois que os marchantes vieram às boas.

— Foi dito em vereação de 31-11-1700 pelo Dr. Juiz de Fora, Francisco Xavier Borges, pelo Procurador do Concelho e Vereadores, que os almotacés João Leite Pereira e António Pais do Amaral achando que Domingos Carvalho, marchante de carneiros, tinha um pêso de arrátel deminuto, além da condenação pecuniária procederam contra êle mandando-o com oficiais de justiça percorrer algumas ruas desta vila com o dito pêso ao pescoço, e com pregão, no que tinham obrado com notório excesso e escândalo do povo. Foram notificados para apparecerem na Câmara, onde seriam advertidos para que não procedessem mais contra o que determina o seu Regimento, com pena de vinte cruzados a cada um e suspensão dos seus cargos.

Não andavam, porém, muito fora da justiça dos tempos aqueles almotacés, acérrimos defensores do povo, porquanto algumas posturas camarárias de várias terras determinavam que quando os carnicheiros, padeiras, regateiras e taberneiros dessem fraco pêso ou tivessem falsos pesos, os almotacés os pusessem na picota. (Ver o termo empicotar no *Elucidário*, de Viterbo).

Também o Código Afonsino (séc., XV) condenava os mesmos ou outros transgressores das posturas municipais a serem postos na picota ou pelourinho, com os pesos falsificados na mão, de onde pagavam o dinheiro da multa e ouviam as chufas escarminhas do povilên. — (*Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, pelo P.<sup>o</sup> Francisco Manuel Alves, tom. IX, pág. 515).

— Os estalajadeiros eram obrigados a ser limpos nas suas pessoas, casas e utensílios, e tinham de aferir as medidas de líquido, bem como as de grão, e não deviam ter em suas casas jogos proibidos pela lei (').

Ora aqui temos a reserva do pequeno comércio de todos os tempos, e a resumida mecanização de posturas a que estava sujeito.

Por estes se avaliará dos demais estabelecimentos de outros géneros de mercancias, que concertavam o movimento comercial do vélho burgo de Guimarães.

No Tournal, porém, os estabelecimentos tinham um ar mais engalhososo de asseio, uma compostura

(') Pelos séculos XII e XIII, e aí por diante, na marcha corredia daqueles tempos falheiros de comodidades de viação e de carreteiras de bom palmilhar, as estalagens desempenharam uma larga função dentro dos povoados.

Apareceram os albergues camarários, as estalagens particulares e de govêrno municipal, desfrutando muitas isenções e privilégios dos Altos Poderes, para que as suas instalações e funcionamento interno obedecessem a certos preceitos e normas reguladas.

Estabeleceram, as estalagens, as relações entre os povos de várias terras, e chamavam aos mercados dos seus domínios e limites, que por espaços largos de dias se mantinham, os ambulantes e os mercadores, alimentando todo o viveiro que impulsionava e fazia girar as feiras francas.

Alguns dos nossos estalajadeiros também gozaram dessas mercês.

— Em 12-2-1622 foi concedido alvará régio de privilégio ao estalajadeiro António de Freitas, isentando-o de fintas, cargos e imposições do concelho, e outros, que já gozara seu antecessor Francisco Lobo, e isto por êle ter a melhor estalagem e mais bem provida da vila.

— Idem, alvará de 12-10-1635, concedido a Diogo Ribeiro, estalajadeiro, morador na rua da Fonte Nova.

— Em 1760 havia na vila as seguintes estalagens: 4 nos Trigaes; 2 em S. Dâmaso; 1 atrás de S. Sebastião; 1 na rua de S. Sebastião; 3 atrás de Oleiros; 1 defronte de S. Sebastião; 2 em Mata-diabos; 2 no Tournal; 2 na rua da Arrochela; 2 na rua dos Açougues; 2 na rua de Alcobaça e 1 nos Laranjais.

— Em 1635 havia em S. Jorge de Selho a venda de Maria Vieira, onde se acolhiam muitos estrangeiros, demorando-se por aqui. Em 1787 os fregueses entregavam-se ao jôgo. — (*Livro 1.º Manuscripto*, de Abade de Tâgilde).

— Em 17-1-1803 foi concedida uma provisão a António José Pereira, pessoa inteligente na arte de cozinha, da rua de Alcobaça, para estabelecer uma casa de pasto à imitação das de Lisboa, podendo aí vender, atavernado, vinho do Douro e de Basto.



assim a dizer com a beleza espriada do largo, centro da vila, e onde semanalmente se estendia aos olhos do povo, o *mercado mais importante do reino*, que se dobrava por várias praças, terreiros e ruas, numa largueza considerável de abastança.

«A população trasbordou por cima dos muros de D. Dinis, e, como se procurasse compensação ao constrangimento em que vivera quasi abafada pela estreiteza das ruas e pequenez dos terreiros, veio sentar-se em volta de um grande campo, mesmo contíguo às muralhas, para o lado de oeste. Dest'arte se formou a *praça do Toural*, conservando o nome antigo do campo, que, por ser ali a feira do gado, lhe chamavam do Toural, que vale o mesmo que dissessem — *dos Touros*.

No princípio foi-se guarnecendo de casas pelos lados de oeste e do sul, deixando inteiramente livre a muralha da vila, que limitava o campo pela parte de leste entrando um pouco pela do norte.

Assim se conservou até ao primeiro quartel do século XVIII; porém, nesse espaço de tempo, que não foi menos de dois séculos, fizeram-se consideráveis melhoramentos na dita praça, tais como um formoso chafariz, fabricado em 1588, um esbelto cruzeiro erigido em 1650 e assentos de pedra junto da muralha, em todo o comprimento.

Até ao período do século XVIII acima referido, as casas desta praça eram quasi tôdas de alpendrada sobre colunas de pedra, ao uso antigo. Nos fins, porém, dêsse mesmo século, e no comêço do seguinte, que é a época de maior prosperidade de Guimarães, pelo grande desenvolvimento da sua indústria fabril e do seu comércio de exportação para o Brasil, procedeu-se à construção de prédios, que deram à praça do Toural um novo e grandioso aspecto.

As lojas dos quarteirões são ocupadas quasi tôdas por mercadores de panos de lã e sêdas. E' aqui, nas lojas e no passeio de lajedo que corre junto delas, que se reúnem diariamente os tafuis e passeantes, para matarem as horas de ócio, conversando e inquirindo novidades. E' o *Chiado de Guimarães*.

Outrora, quando o comércio dos linhos, das cutelarias e dos cortumes de coiros espalhava profusa-

mente entre o povo de Guimarães riqueza e alegria, faziam-se a miúdo pomposas festas na praça do Toural. Aproveitavam-se tôdas as solenidades e quaisquer pretextos de regozijo público para se fazerem danças populares com exquisitas invenções de vestuário, cavallhadas, fogo de vistas e outras diversões, cujo aparato era realçado pela grandeza da praça e pela multidão dos espectadores" (1).

Muitos povoados viveram antigamente sob o calor económico das transacções das primitivas feiras, que constituíram também, colectivamente, uma apreciável riqueza nacional.

Espalhavam os ignorados valores da manufactura fabril e caseira por tôdas as bandas, e levavam aos povos a animação dos vendedores ambulantes, numa rivalidade de barateza e numa aferição reguladora de preços.

Com tôdas as características medievais se realizavam, quer pelo tempo da sua duração, dias e dias, até ao avançar das altas horas da noite, os largos sempre rumorosos, sempre activos de concorrência especuladora, o jeito árabe de mercenciar fervendo no sangue dos que se fincavam nos preços e dos que se viscavam na melúria do apalavrar, quer no jeito e aparato com que essas paradas do comércio misto e mesclado se apresentavam na vastidão dos largos e terreiros, ou nas planuras e sopés dos centros habitados.

Ao ar livre, as tendas corriam no chão, fartas, variadas, sortidas, tentadoras pelo brilho e berrantes pela côr, altos mercados de bulício e de apregoamentos festeiros, mas com um cunho de acentuada pureza no manancial produtivo ali exposto, retintamente nacional, afiançado, desde os linhos mais puros e mais trabalhados de panal, das linhas mais afinadas postas em rendas e entremeios de espuma, dos aços mais polidos e dos oiros mais castigados em missanga e carapinha filigranadas, aos barros mais brunidos de gracioso recorte e aprumo de perspectivas.

---

(1) Vilhena Barbosa — artigo publicado no vol. 7.º do *Arquivo Pittoresco* (1864) a págs. 217 e 218.

Expunham, na mesma comunhão de interesse e de vantagens, e numa demonstração do valor, do sentimento, da potência, do progresso e da cultura duma terra, a lavoira, a indústria, o comércio, o labor doméstico do bragal e das roupas brancas caseiras, os humildes fazedores das apeirias, os feirantes de retiradas lonjuras e os rústicos amanhadores das afastadas circunvizinhanças.

Tudo se ordenava num rigor de fileira, bazar de exposição cosmorama, em continuidade de tendas, tudo junto, sem enfraquecimentos dispersivos, a bizarria dos efeitos concentrada na mais harmónica disposição dos feirantes, o entusiasmo pairando nos montes de povilêu e na quentura das sensações que as compras e vendas provocavam ao agrado, aos sentidos e à bôlsa.

Assim, nesse conjunto contrastado de manchas moveiças de côr, mais volume, grandeza e alegria tinham essas agitadas feiras ambulantes do ar livre, realizadas durante os muitos ou poucos dias em que elas figurassem no cartaz régio das suas prerogativas.

Foi em virtude destas grandes exposições de actividade agrícola e industrial, granjeio de importância máxima para a vida comercial das localidades e abastecimento apreciável das populações, que quasi tôdas as terras do País arranjaram os melhores largos, muito centrais, na maioria, para juntar numa massa de filas e quarteirões, todo o acampamento das feiras francas, destinando para êsses largos, depois, todo o acampamento dos mercados semanais.

De maneira que vemos Braga, Famalicão, Fafe, Paços de Ferreira, Penafiel, Barcelos, Ponte do Lima, Basto, etc., etc., com grandes e espaçosos terreiros, onde os bois e a criação, em dias de feira larga, juntam a sua côr aloirada aos brancos panais das variiegadas tendas bufarinheiras. As loiças e a bonecada dos enfeites caseiros, dos presépios e cascatas, na diversidade típica dos trajos e usos do seu regionalismo folclórico, os vimes, na compostura delicada e senhoril da sua arte, os tamancos, as chinelas bordadas e as armas da lavoura, estendem-se em arrumo nos tabuleiros improvisados, por entre a gama cromada dos

oiros e por entre os lotes dos riscados, das chitas e lenços gaiteiros.

Muitas feiras, como se viu, criaram os reis em benefício dos povos de Guimarães, dando concessões e regalias de grande monta, em isenções de sisas e impostos, aos ambulantes que a elas acorressem em aumento de fatura.

Só as primeiras, talvez, e as francas, realizadas no Campo da Feira <sup>(1)</sup>, tiveram aquele ar aconchegado e típico das feiras medievais, de carácter unido entre vendedeiras e tendeiiras, entre o rústico e o urbano, vivas no seu armar de festa, alegres e arfantes no rumor do povo, guisalhas de falario, romarias duradouras de gritos, algazarras e pregões, cheiros ao alto, das roupas e dos petiscos tasquinhadados de farnel, apetites aguçados pela alfazema, pelo alecrim, pela frescura das moçoilas e pelos estrugidos de condimentos agradáveis.

Muitas dessas feiras e todos os mercados semanais perderam, depois, entre nós, pelo seu desarrumo e tendência dispersiva, realizados que eram sem a indispensável unidade de conjunto, factor importante de agrado à vista e de sensação ao espírito.

As feiras realizadas em espaçosos largos, onde as mercadorias estejam tôdas albergadas, têm outro aspecto de grandeza e a vantagem de concentrar em animado e permanente movimento o povo, que não precisa de se deslocar em caminhadas, por vezes desanimadoras, para se abastecer do pouco ou do muito. O negócio é mais farto dêste modo, parecendo que não.

Os preços unificam-se entre os mesmos géneros e a margem alonga-se, pela comodidade, para realizações de maior volume.

As feiras formam assim muitos ninhos de convívio e duram tôdas as horas soalheiras da tarde, fazendo dêste modo correr os negócios com mais desenvoltura, já pelo ambiente animador das conversas

---

(1) Esta denominação é conhecida desde 1288, e aponta-nos um dos lugares onde o povo acudia para realizar as suas transacções. — (Abade de Tágilde).

e dos encontros, já pelo aquecimento duma permanência mastigada de moletes e vinho.

Por seu turno é evidente que quanto mais durar o mercado dentro duma terra, maiores probabilidades de giro e de lucros têm o comércio local, que vende as mercadorias que não se topam devidamente sortidas nas tendas e nas regateiras, e os estabelecimentos de produtos que nunca alinham nos quarteirões das feiras.

De maneira que não precisamos de encarecer as vantagens múltiplas das feiras e mercados que vivem as suas horas naquele aninhamento harmónico de tudo o que interesse à vida e ao labor das populações.

Tôda a animação do comércio e tôdas as transacções económicas que à sua volta giram e dêle derivam, se regem e se prendem a muitas normas psicológicas de observado estudo, quanto às tendências impulsionadoras do povo.

Não é arbitrariamente que êle se comprime e acotovela nas marés-cheias do seu comercializar, por entre feiras e feiotos.

As necessidades, as vontades, os desejos, andam ligados ao cálculo, ao palpito, à tentação, que por sua vez acordam o receio, a dúvida e o medo ao gasto excessivo, ao engano, à careza e má qualidade das mercadorias, etc.

Todos estes instintos e sentimentos se movem e orientam sob as regras imperiosas e humanas do natural dever da conservação e decência do corpo, e ao contacto do pensar ruminado do grosso das multidões feirantes, que choca os seus cálculos mentalmente formulados, com os juízos do poupanço, do remendar, do remedeio, migalhos de governança que ninguém pode desprezar.

Dentro mesmo do seu conjunto, as feiras e os mercados devem impor-se pela variedade, devem mostrar sobretudo, numa destacada linha divisória, tôda a valorização dos seus factores locais, devem primar pelo gosto de expor, despertando assim o interesse, o apetite e o palpito.

Em Guimarães, como já foi dito, as feiras e todos os mercados perderam em graça e em brilho pela dispersidade em que os dividiram.

E vem de muito longe êsse fado.

E' curioso ver até quantos acomôdos diversos e distintos deram aos tendeiros de quinquilharias e aviamentos, às vendedeiras e aos regatões.

Nunca vereação nenhuma manteve, pelo menos, êsses lugares certos, garantindo assim a firmeza de situação das espalhadas feiras de Guimarães, o que seria excelente para bem do comércio e dos serviços municipais de fiscalização, por essa altura difíceis, atendendo à minguada escala dos almotacés e olheiros.

Andavam daqui para ali, numa constante mudança, ao arbítrio e vontade das Câmaras e ao sôpro de interesses parciais e reduzidos, que não pelo imperativo de urgentes necessidades públicas, e nunca para vantagem do povo comprador ou do comércio em geral.

E sempre assim será, louvar a Deus!, até que um dia os progressos de Guimarães, as necessidades públicas e o crescimento populacional, não comporem as suas feiras senão em espaçoso, decente e apropriado lugar.

«Cremos que nenhuma outra terra possui um mercado semanal de tanta importância, tão concorrido de gente, de géneros, mercadorias e gados.

A praça do Toural apresenta nesses dias um panorama encantador e pitoresco pela variedade dos produtos ali expostos à venda, e pela diversidade e côres garridas dos trajos das camponesas, ou *lavradeiras*, como lhes chamam em todo o Minho. Enche-se a maior parte da praça com loiça de barro e de pó de pedra, de indústria nacional, mas de diferentes procedências; de loiça fina inglesa; de objectos de vidro; cutelaria; ferragens; utensílios de uso doméstico; espelhos e perfumarias; instrumentos agrários, etc. No restante da praça, em volta do chafariz, estão dispostas hortaliças, frutas, aves, ovos, queijos, etc.

Mas não se julgue que a isto fica limitado o mercado. O vizinho *terreiro da Misericórdia* é todo ocupado com barracas arruadas, em que se vendem panos de lã, sêdas, chitas, cassas e outras fazendas de lã, linho e algodão, de indústria estrangeira e nacional, fato feito para os dois sexos, colchas, cobertores, etc.

No *terreiro de S. Sebastião*, também vizinho, que comunica com a praça do Toural pelo sul, e no espaçoso *terreiro de S. Francisco*, imediato a êste, faz-se a feira dos cereais e legumes, e das suas variadas preparações. Aí se vendem por grosso, em sacas, e por miúdo, mui diferentes qualidades de trigo, centeio, milho e suas respectivas farinhas; feijões e grão de bico, pão cozido de variadíssimas formas, e de todo o género de cereais, pão de ló, biscoitos e outros doces.

No vasto *campo da Feira*, e nas ruas que comunicam com o *terreiro de S. Francisco*, faz-se a exposição de gados, em que abunda o vacum.

Concorrem, pois, a êste grande mercado milhares de expositores e compradores de muitas léguas em redor da cidade" (1).

Vejamos então as baralhadas mudanças das feiras desta terra, que passaram como lampos por todos os seus domínios internos.

— Em 1531, no Toural, e juntamente com as diversas mercadorias que ali se vendiam, feirava-se a lenha. Por esta mesma altura foi proibido vender o pão, a fruta ou qualquer outro género, *debaixo dos arcos das portas da vila*.

— Em vereação de 25-6-1608 resolveram os da governança e o povo, que em virtude de estar feito o alargamento da praça junto a S. Tiago, e feitas as boticas, ali fôsem vender o peixe e as sardinhas, e não mais se vendessem debaixo da casa das audiências, e que os homens de fora não vendam mais o peixe na Oliveira, mas sim na praça nova, ao pé da laranjeira, e ninguém o recolha na praça velha (2).

Até então vendia-se tudo junto debaixo da casa das audiências: peixe, sardinhas, fruta, hortaliça, pão,

---

(1) Vilhena Barbosa — artigo publicado no vol. 7.º do *Archivo Pittoresco* (1864), a pág. 218.

(2) Em 1613 havia a *casa do recolhimento* ou *casa do recolhimento dos mantimentos*, onde tôdas as pessoas que viessem de fora e trouxessem mercadorias para vender, excepto panos e cobertores, nesta casa as teriam de expor ao público.

A vereação de 6-1-1664 determinava: E' proibido alguém recolher os almocreves que trouxerem azeite, figos, queijos, ou outras cousas que vêm de fora, pois tudo tem de ser levado à *casa*

etc., e juntos estavam também os açougues. Neste lugar ficou só a vender-se o pão, a fruta, etc.

— A vereação em 21-2-1619 resolveu que a feira dos bois fôsse no Campo da Feira e não no Tournal. Em 6-9-1681 foi novamente apregoado que os lavradores não passassem com os bois *das feiras* da Alfândega para o Tournal e se estendessem para S. Dâmaso, sob pena de 6\$000 rs., porque a continuação das feiras no dito rossio do Tournal o arruína e destrói, sendo o melhor da vila.

— Em 1674 a vereação proíbiu o estarem vendeiras de pão na Alfândega e ordenou-lhes o despejo das boticas para os particulares nelas venderem o seu pão.

— Em 17-1-1725 ordenou a Câmara que as padeiras de boroa fôssem vender o pão no foral da praça (alpendrada) que se fêz para êsse efeito.

— Em 23-1-1726 foi proibido pôr mesas da banda de fora da Alfândega para vender doces e outras cousas, que deviam ser vendidas nas casas dos fabricantes.

— Em 26-5-1731 foi proibido vender louça no Tournal fora dos dias de feira, excepto quem a trouxer de outras localidades, por a não ter podido comprar nesta vila. Proibido que ninguém venda sardinhas na Alfândega, salvo as peixeiras obrigadas nos seus bancos e os galegos nos canastrões.

— Em 1732 o carvão era vendido no Tournal. Uma provisão de 20 de Fevereiro dêste mesmo ano mudara do Tournal para o Campo da Feira a feira do gado.

— Em 27-1-1734 a requerimento dos misteres foram obrigados os padeiros a vender o pão para as

---

*do recolhimento*, pois não podem ser vendidas pelas ruas ou em casas particulares.

A vereação de 26-1-1695 esclarece melhor e parece dizer-nos que esta *casa do recolhimento* era nem mais nem menos uma dependência da Alfândega.

Vejamos: Foi aberta uma carta de S. Majestade mandando que tôdas as pessoas particulares que tenham pão para vender, o vendam na *casa do recolhimento da alfândega*.

O Tombo de 1612, feito a requerimento da Câmara, diz-nos que a *casa do recolhimento dos mantimentos* ficava defronte de S. Sebastião. E' mais uma confirmação.



vendas na praça pública, não o podendo mandar directamente de suas casas porque não davam o pêsso exacto.

— Em 11-8-1734 a requerimento do povo foi mandado que o peixe fresco voltasse a ser vendido como antigamente na Praça de S. Tiago e não na Alfândega.

— Em 13-2-1754 foi proibido aos mesteirais comprarem pão de Ovelha para as suas vendas, obrigando as padeiras a venderem para as vendas particulares somente no foral da Alfândega.

— Em 1765 foi mudada a feira do pão para a Praça da Oliveira, tendo levantado esta resolução muitos protestos (1).

— Em 1770 o carvão vendia-se no cruzeiro do Toural.

— A vereação de 26-8-1779 acordou e mandou, por a experiência ter mostrado o grande prejuízo de se venderem os fiados de linhos em rama e estôpas no sítio da Porta da Vila, impedindo a passagem tanto da gente como de carros e béstas, tendo acontecido muitas vezes desastres e incômodos, que os ditos gêneros se passassem a vender no terreiro chamado do Senhor dos Aflitos, que fica pegado às casas térreas do Convento de S. Domingos, defronte do sítio onde se faz a feira do Toural.

— Em 4-9-1784, resolveu a vereação que em virtude de S. A. Real vir para esta vila, as galinheiras, fruteiras e hortaliças fôsem vender para o Terreiro da Misericórdia, encostadas ao muro.

— Em 1786, junto à tórre dos cães e rua dos Trigais, fazia-se a feira dos cevados.

— Em 17-12-1791 a feira do pano era no Toural.

— A vereação de 26-3-1794 resolveu informar S. Majestade da conveniência de continuar a feira de

---

(1) Que a feira devia continuar no Toural, diziam os moradores do Largo, onde se faziam as feiras das outras coisas que vinham de fora. Além disso a Praça da Oliveira era pequena, e ali se faziam as arrematações de todos os auditórios da vila e os moradores do Toural deviam ser mantidos na sua posse, etc.

Impugnaram estes requerimentos os moradores das ruas dos Mercadores, Sapateira e Misericórdia, dizendo que na Oliveira havia alpendres para abrigo das chuvas, etc.

pão na Oliveira, dando as razões da mudança do Toural (1).

— Em vereação de 23-4-1796 foi resolvido que as galinheiras fôsem vender para o adro de S. Sebastião, para se evitarem atravessamentos de galinhas, e as que viessem de fora, para junto do chafariz do Toural.

— Em 13-4-1802 foi passada provisão ordenando a mudança da feira do pão, que desde 1794 se fazia na Praça da Oliveira, para o antigo sítio do Largo de S. Sebastião, a pedido dos seus moradores.

— A vereação de 6-10-1802 resolveu manter o pregão já publicado para a mudança da feira das galinheiras para o Terreiro da Misericórdia, para não ficarem juntas no Toural com as que de fora viessem vender.

— Em 7-5-1808 determinou a vereação que no largo do Toural, desde as Biscaias até ao direito do tanque, se não consentissem mais bancos com doces, espécies ou outra qualquer venda dêstes géneros, e que os doceiros fizessem as vendas nas suas próprias casas. Logo adiante, em 14 do mesmo mês e ano, uma declaração ao acórdão antecedente concedeu licença às

---

(1) Em 23-5-1794 veio uma provisão confirmando a mudança da feira do pão para a Oliveira e a do gado para o Campo da Feira. Porém, os homens de negócio do Postigo de S. Paio, Praça do Toural e Praça Nova das Lajes, levantaram os seus protestos, e representaram, provando que era costume antiqüíssimo e inmemorial fazer-se a feira de tôdas as fazendas e comestíveis, quer da terra, quer de fora, como sejam pão, feijão, hortaliças, frutas, galinhas, ferragens, louças finas e grossas, chapéus, linho e estôpa em rama e em teias, tudo regulado por ordem, tanto para quem compra como para quem vende, no sítio do Toural, por ser a melhor praça e mais bem acomodada; provaram que o fim por que os embargados pretendem a mudança e divisão da feira para os sítios anovados não é por zelo do bem comum, mas sim para facilitar a venda do seu pão e vinhos, e outros por emulação, para desviar as pessoas que compram aos negociantes do Toural e mercadores do Postigo de S. Paio; provaram que o sítio do Toural é o melhor para nêle se fazerem as feiras e os mercados aos sábados de cada semana, pois tudo ali se encontra, sem ser preciso andar por diversos lados a comprar ou vender, e que a esta praça se segue logo o espaçoso largo onde se costuma vender o pão, e logo dêste se entra no grandioso e espaçoso terreiro do Pelourinho, e no fim se encontra o largo de S. Dâmaso; provaram que o terreiro do Pelourinho, muito comprido e largo, acomoda tôdas as fazendas, e saindo da

doceiras para venderem no Toural, unicamente aos sábados, por ser dia de feira pública, em que se admittem todos e quaisquer feirantes, ficando o dito acórdão em vigor para todo o mais tempo.

— A vereação de 21-7-1810 determinou que as doceiras que vendiam o doce nos campos e ruas da vila, fôsem obrigadas a vendê-lo em suas casas todos os dias da semana, menos ao sábado. Igualmente resolveu que as galinheiras não pudessem vender galinhas noutra parte mais que no sítio do largo das Lajes, menos aos sábados.

— Em 26-12-1812 foi proibido às doceiras venderem no Toural.

— Em vereação de 3-9-1814 foi acordado que os melões, melancias, etc., que viessem em carrô, fôsem vendidos no Terreiro da Misericórdia, e que os tendeiros armassem as suas tendas, aos sábados, no Campo da Feira, ficando o Toural para as louças, etc., e no Campo da Feira se juntassem os vendedores da lenha e dos molhos.

— Em 24-2-1816 foi proibido lançar mato no Terreiro de S. Francisco, onde se realiza a feira do gado,

---

Porta da Vila se podem vender as estôpas e linhos, fiados e em meadas, e pelas escadas de pedra que descem para o terreiro, as teias de pano, etc., e do outro lado, louças, vidros, tonéis, cadeiras, e as outras obras de carpintaria junto ao cruzeiro, etc.; provaram que saindo do postigo para a mesma feira, se encontravam as padeiras que vêm de fora, as hortaliças, as chapeleiras, e mais para baixo, os cestos e outras semelhantes fazendas, etc.; provaram que continuando com o mesmo terreno entra immediatamente o Terreiro do Pelourinho, onde se fazia a feira do gado, e a pouca distância a dos porcos, tudo fora dos muros, em sítios airosos; provaram que o sítio da Praça de N. S. da Oliveira, é uma rua dentro dos muros da vila, muito fúnebre e de continua passagem de outras ruas por cinco lados, onde se não podem arranjar os carros e o gado e ficar caminho para as outras carruagens e dar de beber às béstas nas fontes que ficam arrimadas à torre; provaram que debaixo da casa da Audiência da Câmara também se não podem arruinar os carros do pão, porque muitas vezes está aquele sítio occupado com os actos das arrematações; provaram que na mudança que se fêz da feira, também se mudou o gado do Terreiro do Pelourinho para o Campo da Feira, quando este terreiro, desde tempo antiquíssimo, sempre foi destinado para a venda de porcos, etc., etc., etc. — (*Livro de Registos da Câmara, de 1794*).

para fazer estrumes, e que a vendagem do carvão fique sendo no sítio do cruzeiro do Toural.

— Em vereação de 8-3-1817 foi determinado que em virtude de ser todos os dias ocupado, com a parada e instrução de recrutas do regimento 3 de infantaria, o Campo da Feira, os tendeiros armassem, nas feiras dos sábados, as suas barracas, no Terreiro da Misericórdia, desde a esquina das casas de António do Couto Ribeiro até à cadeia, e que os vendedores de madeira fôsem para o Terreiro de Santa Clara (1).

— Em vereação de 18-3-1823 foi designado para as treze doceiras o sítio das primeiras escadas do adro de S. Sebastião, quem vem de S. Francisco para o Toural. Cada uma teria um tabuleiro de seis palmos por três de largo.

— A vereação de 15-11-1823 resolveu mudar novamente a feira da madeira do Largo de Santa Clara para junto da cadeia, no Terreiro da Misericórdia. Mais tarde, em 20-3-1830, foi resolvido que esta feira fôsse desde o tanque da Misericórdia para o lado da cadeia e não para o lado da igreja.

— Em 22-11-1823 declarou-se livre a venda de carne fresca de porco no tanque do Toural.

— Em 3-4-1824 determinaram que o peixe se vendesse directamente pelos que o traziam do mar e não por atravessadores, ao redor do adro de S. Sebastião, e não fôsse guardado na Alfândega; e logo em 12 de Junho do mesmo ano passou a ser vendido, a requerimento dos peixeiros, nos talhos da Alfândega.

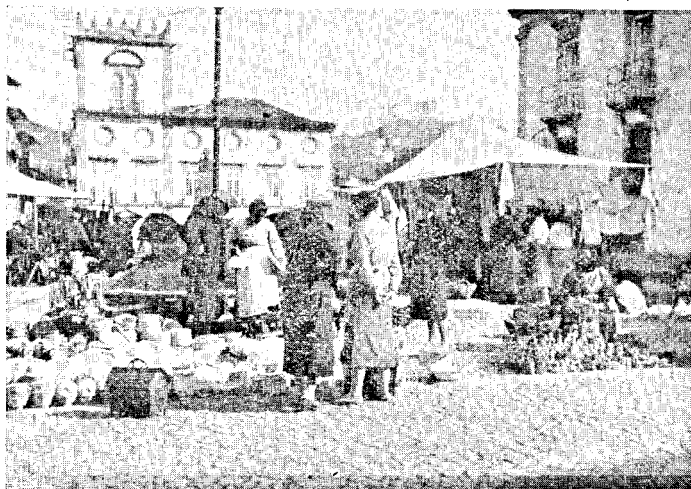
— A vereação de 9-5-1829 resolveu que as padeiras de fora, que vendiam no Terreiro da Misericórdia, passassem para a Praça do Toural, próximo do Postigo de S. Paio.

— A vereação de 3-8-1839 alterou: As doceiras formarão uma rua, encostadas ao adro de S. Sebastião, descendo para o lado da Caldeiroa; os porcos devem estar desde a traseira da capela da Senhora da Guia, seguindo para a tórre dos cães; as pessoas que ven-

---

(1) Em 1818 eram 19 as tendeiros que armavam barracas no Largo da Misericórdia, como se vê pelas licenças passadas em vereação d: 28 de Março.

dem sementes, a seguir às doceiras; as pessoas particulares, vendedeiras de fruta e castanhas, terão o seu lugar nas escadas chamadas dos Barbeiros; as regateiras de fruta e castanhas terão assento defronte do passo de S. Sebastião, formando círculo à roda do muro do adro; as regateiras de galinhas e mais aves terão o seu lugar a seguir às da fruta; tôdas as tendas



Largo do Conselheiro João Franco (Misericórdia)

Feira dos tendeiros e das apeiras agrícolas

que se formarem, em mesa ou no chão, serão estabelecidas no Terreiro da Misericórdia; as pessoas que venderem castanhas ou batatas, terão assento defronte da Alfândega, próximo ao muro de S. Sebastião.

— Logo a vereação de 31-8-1842 determinou que o local das regateiras das aves, das frutas e sementes, fôsse no local da praça da S.<sup>a</sup> da Oliveira, encostadas às colunas, e que o local para os carros da lenha fôsse no lugar do Martins, vulgo S. Bento, (hoje Largo do Agrônomo Dr. João da Mota Prego).

— Pouco tempo depois as regateiras das aves e das frutas foram para o sítio das Carvalhas de S. Francisco, mas não chegaram a aquecer o lugar, visto que

a vereação de 14-6-1844 as mudou para o largo dos Barbeiros do Tournal, e entrada da rua de S. Domingos.

— Em sessão de 29-11-1854 designaram que a feira dos porcos fôsse no Olival, além da ponte do Campo da Feira, e a de gado bovino no Cano.

— Em sessão de 23-1-1856 designaram que a feira das galinhas e carne de porco fôsse para o Largo de S. Paio, junto dos Açougues. Logo na sessão de 5 de Março resolveram que as galinhas voltassem a ser vendidas na Praça de S. Tiago.

— A vereação em 11-2-1857 proíbiu que se estendesse a louça para venda, no Tournal e outros largos, e sòmente permitia se vendesse no largo das Carvalhas de S. Francisco, enquanto outro se não designasse.

— Em vereação de 17-1-1866 destinaram que a praça da erva fôsse no largo de S. Sebastião e a da hortaliça nas Lajes.

— Em 1873 as antigas estações públicas de caruagens eram: Na Praça do Tournal, fora da linha de estradas-ruas; no espaço entre o extinto convento de S. Domingos e a Praça Nova; no Terreiro da Misericórdia, sem prejuizo do trânsito público e mercado; no largo de S. Sebastião e no largo da Oliveira, do lado do poente (!).

— Em 25-6-1879 a Câmara deliberou que a feira do gado bovino e suíno voltasse para o Campo do Salvador (Cano).

— A vereação em 18-11-1885 muda a feira do carvão miúdo, da praça de S. Tiago para o largo da Cadeia, onde se devem também desfazer os canhotos. Neste mesmo ano a feira da lenha, que era no largo de S. Sebastião, passou para o Campo da Feira, onde

---

(!) Foram alquiladores desta terra o Arantes, o Covilhã, o Almeida, o Chico Caroto e o Cosme. As suas diligências de sota, tinham o baptismo comezinho daqueles tempos pachorrentos: *A Princesa — A Flor do Minho — A Joanhinha — Corre que voa — A Ligeirinha — A Andorinha*, etc.

E naquele passo de caravana em tórridos desertos, a pita estoirando na carcaça esburgada das pilecas, que animavam o chouto ao somido da corneta metálica do cocheiro e das guizeiras, lá seguiam as carreiras de Braga, Póvoa de Lanhoso, Fafe e Basto, eternidade de lonjuras sem fim...

actualmente se vende, aos carros <sup>(1)</sup>, visto que aos cestos e aos molhos é na Praça do Mercado que se encontra.

— A feira do leite foi noutros tempos perto das escadas do Toural, à Havanesa; a fruta vendeu-se nas Lajes; os cestos e objectos caseiros de madeira, ao cimo da rua de Camões; as tendeiiras, na Misericórdia; e o ferro-vélho perto das Menezes, nos Capuchos.

— A feira do gado e dos porcos foi no Campo da Feira; começava da esquina da rua de Trás-do-Muro e estendia-se até o Olival do mesmo nome, para onde os bacorinhos seraivados iam em carradas de macios lastros de colmo.

— A feira dos cereais era no Terreiro de S. Francisco; começava na casa da bomba e adro de S. Sebastião e ia terminar no tanque dos passarinhos.

— A feira do carvão era no Serralho, em dias anunciados em pregões públicos, pela Minaua, que corria tôda a cidade:

*E' de canudo, a três vinténs!*

Hoje, os mesmos aspectos, as mesmas tendências, a mesma salgalhada, faltando um espaçoso largo para em conjunto concentrar todos os frutos das energias dêste farto e operoso concelho de Guimarães.

No Largo do Conselheiro João Franco, amplo, airoso, mas ponto descabido para as lufas das mercalhas, pela majestade dos seus principais edifícios e sobretudo por ser batido de artérias calcorreadas pelos passeantes de visita e cerimónia, realizou-se por muito tempo a feira dos tendeiros, das apeirias agrícolas, das louças, dos tamancos e chinelas.

No Largo da Condessa do Juncal, é a feira do leite, da carqueja e dos cereais, acanhado recinto de

---

(1) E' curioso notar que ao contrário das outras terras, esta feira dos carros da lenha se verifica aos alvares das primeiras horas da manhã, antes da Missa das Almas. Dizem então os proprietários que é para não serem reconhecidas as lenhas que os caseiros vão furtar às suas matas e coutadas.

feira moira, onde os taleigos e balaios impressionam como desconfiança, numa venda farrapilha de pobreza franciscana.

No Campo do Salvador, ao Cano, para lá se estendem os bois, as crias, as cevas e os côchos, numa



Largo da Condessa do Juncal

Feira dos cereais

largueza de pasto, e onde mais coisas se poderiam juntar, num carácter de feira moderna, se tal campo não fôsse botado lá para os quintos.

Na Praça do Mercado feiram-se o linho, as hortaliças, as frutas, as prantas, os vimes, as lenhas miúdas, as aves, o peixe e o molete.

Em sessão de 26-5-1939 deliberou a Câmara transferir, provisoriamente, a feira dos cereais e outros géneros, do Largo da Condessa do Juncal para a Praça do Mercado, e a feira das alfaias agrícolas e dos ten-deiros, do Largo de João Franco para o Largo da Condessa do Juncal.

Presentemente, e por interesses ajustados àquele local, voltou a feira dos cereais para junto dos ten-deiros, para o Largo da Condessa do Juncal.



Estas últimas mudanças trouxeram, felizmente, a limpeza do Largo de João Franco, que voltou à sua antiga decência.

Que dispersidade e que tristeza de feiras desmanteladas!

E que remedeio tão simples, que solução tão vantajosa e de riqueza municipal, podia ter, talvez, êste momentoso assunto de juntar, para comodidade geral e alcance de valorização rendosa, tôdas as feiras de Guimarães!

Bastava comprar, por utilidade pública, o vasto e espreado campo chamado Lameiro, que pertence ao casal do Proposto e fica a seguir à Praça do Mercado.

Depois, um amplo escadório podia comunicar do primeiro plano da praça ao segundo plano do campo, e uma ampla entrada se lhe faria do lado da nova Avenida dos Pombais, para a entrada do gado.

Esta compra vinha enriquecer os bens do município, e a Praça do Mercado estender-se-ia numa grandeza a poder albergar, nos dois planos, todos os feiotos que andam a desfeiar a cidade e a prejudicar o incremento dos nossos mercados semanais.

Ali, tudo caberia, e com o amanhã preciso para poder ajuntar até certas barracas de diversões, que são hoje uma nota atraente, guisalha e alegre das feiras dos nossos tempos.

Causa pena ver também o decaimento a que chegaram as nossas tão antigas e apregoadas feiras!

Se os mercados desta terra se impuseram, em afastados tempos, e foram dos mais importantes do Reino, é porque se achavam concentrados neste meio, cabeça comarcã de vasta largueza e concelho de área respeitável, tôdas as condições de vida, de abastança e de tráfego para fornecer os povos de muitas léguas em redor <sup>(1)</sup>.

Sabemos perfeitamente que as estradas reais e as linhas férreas levaram para outras terras concentrações de nova vida. Isto de modo geral.

---

<sup>(1)</sup> Os maiores e mais concorridos mercados semanais que se realizam no Norte são os de Barcelos e Famalicão.

Mas se actualmente o nosso mercado semanal é descaracterizado e pobre de transacções, é simplesmente por se terem criado dentro do concelho, o que pouco sentido faz, e à vontade e exigência de certas freguesias (S. Torcato, Airão, Pevidém, Moreira de Cónegos, etc.), e em atenção ao progredir e necessidade de certos locais mais populosos (Vizela e Taipas), uma variedade de feirotos pouco expressivos e pouco concorridos, mas que foram no achêgo do seu limitado



Praça do Mercado

feirar, enfraquecendo lentamente o centro regulador do mercado de Guimarães.

A rêde das locandas mistas que pelas aldeias se espalhou, aldeias pobres, na sua mor parte, e onde morreu a alegria do fabrico manual dos linhos caseiros, dos cotins e dos riscados, foi também motivo forte que fêz tresmalhar os povos compradores, arredando-os dos giros populosos e prejudicando o seu comércio retalhado, que é mais duramente tributado com avenças e varejos do que aquele que se acantona fora de barreiras e mais a coberto da acção depuradora do fisco se encontra.

Acresce ainda que à volta do concelho, grandes mercados videiros se criaram, e por tristeza maior, em freguesias que a êle pertenceram nos tempos da sua opulência de largos domínios. E aí os temos então em Cunha (Braga), Freitas, Serafão e Travassós (Fafe), Joane (Famalicão), etc.

Tôda esta economia revulsiva, tôda esta luta de vida dos povos das vizinhanças, provocaram uma corrente de desvio às nossas feiras.

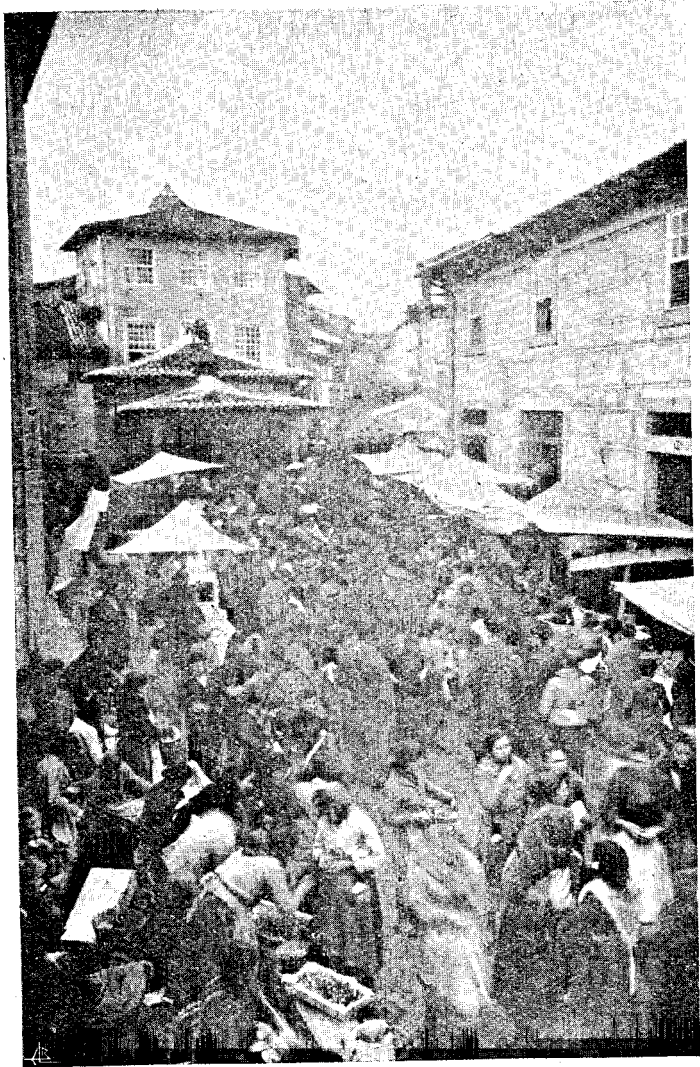
Mas pode, a nosso ver, uma boa protecção municipal, encanar novamente os enxames tresmalhados das colmeias rendosas das nossas feiras de tempos idos, que duravam desde o alvor do sol até quasi ao bater das Trindades, e morriam com as últimas manchas dos feirantes e regatões, que à porta das tascas animavam compadres e medianeiros, labrantes e moleiros, canecas em punho, e cavalgadas e bois presos da soga e do cabresto, ali numa paciência de ruminantes conformados com a sorte e com o fumo das castanhas assadas e dos paivantes acharutados, negócios animados e ultimados, assim em tresmalho, palavras dadas e juras feitas, transacções de contado, de contento ou de perca e ganho.

Daria então o município entrada a todo o gado que viesse à feira, cobrando meia maquia dos 1\$300 réis por junta que hoje se paga.

O gado é o que maior volume e movimento empresta a uma feira, pela malta que chama e arrasta: feirantes, criadores, compradores, avaliadores, magafrefes, medianeiros, labroscas, etc.

Facultaria também a entrada, com minguada renda de tributo, a tôdas as aves de capoeira, e não cobraria bilhete às vendedeiras de linho em fevra, ou em fio, incitando dêste jeito ao cultivo de um produto essencial ao lavrador e à economia doméstica, e que vai rareando de amanhã por estas cercanias minhotas.

Julgamos bem que tais favorezas do município fariam pouco e pouco crescer e alargar os mercados definhados de hoje, que vão amortecendo o pequeno comércio.



Arraial das «passarinhas» (Santa Luzia)

### As feiras e o seu fundamento religioso:

As principais feiras, talvez as maiores, tiveram o seu comêço de alento, o seu início de rumor mercadejado, à sombra espiritual de um baptismo religioso, a que os Santos deram o seu nome celífluo de engrinaldada fama.

Feira de S. Gualter, Feira de Santa Luzia, Feira de Nossa Senhora da Conceição (tôdas na cidade); Feira de Santo Amaro, Feira e Romaria de S. Torcato (freguesias suburbanas), Feira de S. Pedro (Taipas), são as feiras do nosso registo concelhio.

*Adeus, ó Penafiel,  
ó feira de S. Martinho,  
para o ano que cá volte,  
venho comprar um burrinho.*

*O' feira de S. Mateus,  
onde se vendem pinhões;  
anda agora muito em voga  
gorros verdes à Camões. (1)*

*Cidade de Guimarães,  
tens barraquinhas de lona;  
na noite de S. Gualter  
anda tudo numa fona.*

Os nomes dos Santos vêm por vezes em linha directa dos oragos das freguesias onde se realizam as feiras, ou da folhinha que os reza e festeja nesses dias de consagração anual.

De qualquer modo, o fundamento é religioso. E é interessante que algumas delas, entre nós, e muitas, por êsse Portugal fora, nasceram dessa veia religiosa, mas nuas completamente do amparo cultural que as espiritualizasse, e de início tiveram sômente a cívica manifestação de exteriorizada folia.

O que logo se desenvolveu à sua volta, foi o tentáculo primordial da sua razão de existência: o factor comercial, impulsionador económico das localidades

(1) *Demosofia*, por Soeiro de Brito, pág. 87.

que abriram cartaz de reclamo, à sombra benéfica e acolhedora dos seus nomes festeiros.

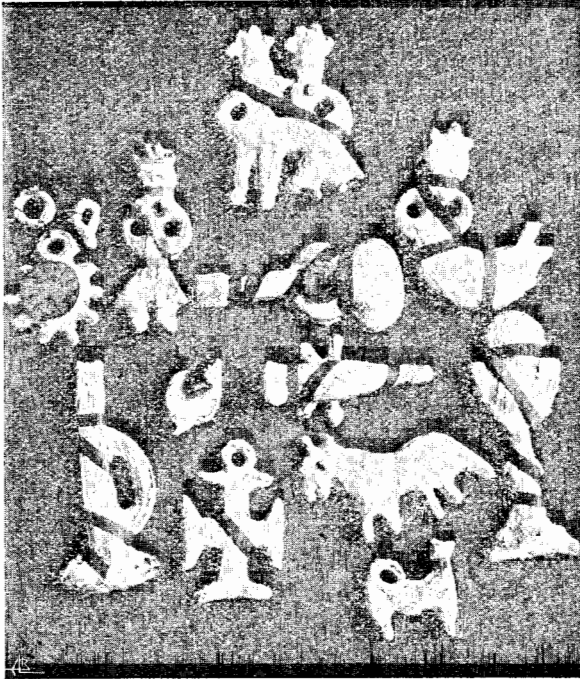
Mais tarde é que ligaram a essas feiras, as romarias, as festas, as procissões, o amor e a devoção, como impunha até a dignidade expressiva do nome dos Santos que as tornaram proveitosas e popularmente conhecidas.

A par dos festivais no campo público das feiras, bordaram-se afectivas ligações do culto, com regozijo interno de festas aos padroeiros, procissões pelos adros, pelos arraiais, guiões ao alto, figurado representativo e carros alegóricos da mais alta significação cristã, nos passos e nos dramas da letra mística dos Evangelhos.

Em muitas terras, as grandes feiras de ano, com duração de dias em algumas partes, organizam-se, estabelecem-se, no grosso do seu trato, com os produtos que a região fabrica, que a região produz, e os animais que enchem os largos e terreiros são das espécies que por ali se criam ou das que mais jeito fazem e mais lucros ocasionam à indústria, ao comércio ou à lavoira.

Há feiras com o nome dos Santos como as há com o nome dos meses mais engalhosos de sol e flores: Feira da Rosa (Guimarães), Feira da Primavera (Beja), Feira de Abril (Loulé), Feira franca de Maio (Oliveira de Frades); com o nome das colheitas e da fartura: Feira de S. Miguel (Coruche, Castelo de Paiva, Cabeceiras de Basto, etc.), Feira dos Santos (Chaves, Alvito, Mangualde, etc.), Feira das Uvas (Felgueiras), Feira do Mel (Valença e Monção), Feira das Cebolas (Portalegre), Feira dos Capões (Freamunde); com o nome das grandes festividades do ano: Feira do Natal (Ponte da Barca), Feira das Oitavas (Felgueiras), Feira de S. João e Feira dos Ramos (Evora), Feira de Santo António (Aljustrel e Vila Real), Feira bovina de Santo António (Moreira de Cónegos — Guimarães), Feira da Pascoela e Feira dos Passos (Sertã e Loulé), Feira de S. Pedro (Felgueiras e Taipas), Feira das Dores (Ponte do Lima), Feira dos Mártires (Constância), Feira das Cruzes (Barcelos e Silves), Feira do Milagre e Feira da Piedade (Santarém), Feiras da Agonia (Viana); com o nome das terras e dos lugares: Feira da Vila

(Sertã), Feira de Barreiras (Vila Nova de Paiva), Feira de Loulé (Loulé), Feira dos Carvalhais (Carregal do Sal), Feira do Monte Alto (Arganil), Feira do Cô (Paços de Ferreira), Feira do Pereiro (Sátão), Feira da Ladra (Vieira do Minho), Feira dos Pucarinhos (Vila Real), Feira de Portel (Portel), Feira de Vila



Doces vários do arraial das «passarinhas»

Nova (Famalicão), Feira da Flor da Rosa (Amieira), Feira dos Moços (Custóias), etc., etc.

Há também os números, designando feiras consagradas: Feira dos Três (Vila Nova de Cerveira), Feira dos Quatro (Condeixa-a-Nova e Leiria), Feira dos Oito e Feira dos Doze (Oliveira de Frades), Feira dos Dezas-seis (Fafe), etc.

E igualmente as denominadas: Feirinhas, Feiras Grandes e Feiras Novas.

Numas aparece o gado vacum; noutras, como pelo Alentejo e Extremadura, os porcos, os varrascos e os bácoros («com licença de Vossorias», como dizem os lavrantes); naquelas regiões, onde se fabricam os cobertores, mantas, baetas e queijos, são grandes as feiras de ovelhas, cabras, etc. (Beiras, Alentejo e Trás-os-Montes); noutras aparecem os potros, cavalos e muaras (Trás-os-Montes, Douro e Ribatejo); na feira de Santa Luzia, em Freamunde, aparece o gado cavalari e bovino, sendo característico o mercado dos capões e perus, que dali são exportados em larga escala para todo o País e para regalo das festas do Natal.

Em tôdas predomina especialmente o fabrico doméstico e caseiro de cada localidade, nas múltiplas feições industriais e artísticas.

Os arraiais, por sua vez, querendo alargar em promessa o futuro e desenvolvimento das freguesias, inventaram as rifas, auxílio vantajoso para a fábrica das irmandades e para as comissões das festas, e que constituíam, no fundo e na essência, o primeiro abraço de negócio amparado pela favoreza dos Santos, o primeiro comércio leiloado, com reclamos e chamariz, entre o grutesco apalhaçado dos leiloeiros e o pimentão das suas falas em rima, tudo conduzido erôticamente ao regalo das multidões e ao sabor dos seus instintos.

*O Senhor da Piedade  
vai a ter festas de luxo:  
vão a fazer um bazar  
lá no sítio do repuxo.*

*Meu rico Senhor da Pedra,  
à porta tendes a dança,  
aceitai minha promessa,  
perdoai minha tardoança. (1)*

E' uma curiosa manifestação de reclamo êste leiloar dos bazares de prendas. Tem a sua dose de psicologia.

Ali, naquela fonte muito tradicional, que vem dos leilões das prendas dos presépios, beberam os primeiros reclamistas do comércio, nasceram os primeiros anúncios verbais.

---

(1) *Cantos Populares Portugueses*, vol. I, pág. 47 e 53, por A. Tomás Pires.



O comércio miúdo foi de comêço o que melhor se ajustou à sombra dos festivais. O negócio toma a sua parcela de quinhão onde vir que há vida e rumor de trabalho. E' cadeia dinâmica que anda à volta dos Santos e dos homens, em redor dos templos e das fábricas.

Os costumes criaram o seu ambiente próprio, de molde a não ficar mal que à roda da devoção, iluminada dentro das igrejas, se criassem certas necessidades à roda dos seus arraiais, e o exterior de compras e vendas fôsse uma parcela económica de amparo para o miúdo e improvisado comércio das localidades.

Na lufa mercadejada de cada freguesia, em maré de festança, lucram o lavrador, os vendeiros, as tendeiros e o casco das irmandades. As rifas têm avolumada concorrência; os registos, mortalhas e ex-votos vendem-se melhor; as esmolos são mais pingues e os lugares tornam-se mais conhecidos e visitados.

Há por vezes um valor razoável de animação, e músicas, fogueteiros, iluminadores, armadores, amanhadores de arcos de romaria, etc., desenvolvem e despacham os seus serviços na medida compensadora dos seus lucros.

Depois temos de concordar que é nos modestos arraiais das freguesias, onde os cruzeiros tomam uma nota dianteira no respeito da fé, que melhor se sente, na sua rude expansibilidade, a alma do povo, e mais expressão se verifica em tôdas as gamas etnográficas que o focam no seu meio e no calor do seu ambiente. Ali, mais frescura têm as variantes do seu carinhoso folclore, quer nas danças e nas cantigas, quer nas festas ou nos coros do seu lirismo cristão, pela altura dos Reis, novenas de S. Sebastião e festas do Deus Menino.

Adivinham-se melhor, nos seus lugares, as características próprias da movimentada vida do povo, os trajos morrendo num disfarce de roupetas acetinadas nos corpos das cachopas mais romanisqueiras, que às danças e à viola ainda sabem dar, louvar a Deus!, aquele jeito querendoiro de tantas maravilhas aprendidas nos lares e nas eiras, nos campos e lagares, nos linhais e nas ceifas.

Que miúdinho e gracioso, de efeitos etnográficos

nas prendas e nas significações, é todo o negócio das festas de ao nosso redor!

Rosquilhos, cavacas, passarinhas, sardões, relógios, corações, esposados, cãezinhos, brilhantes, roscas de trigo e de pão leve, pequeninas, com rebiques de bichinhas da mesma massa, figos, castanhas, doces, frutas, flores de papel, tremoços, etc., etc., lá aparecem nas festas da Senhora da Conceição, na de Santa Luzia, na dos Moços, realizada na Senhora da Luz, freguesia de S. Miguel, na de Santo Amaro, em Mascotelos (onde se jogam a primeira vez os brilhantes), na de S. Tiago da Costa (com ofertas de cravos e alfádega <sup>(1)</sup>), na de S. Mateus, em Gonça, na de S. Brás, realizada no Pevidém, freguesia de S. Jorge de Selho, e na de S. Bento das Peras, em Vizela (com ofertas de cravos, ovos, galinhas, etc.).

Estas as festas dos nossos dias, e as que melhor conhecemos. Muitas outras, que típicas foram, morreram. Foi o tempo que as condenou, foram os homens que principiaram a dar sério valor às que por longe do seu tugúrio concelhio ficavam, julgando innocentemente que quantas mais léguas palmilhassem maior número de indulgências colheriam e melhor sucedidos seriam no respeito das suas súplicas.

Fizeram crescer o entusiasmo das romarias lá dos confins e decresceram na vontade de amparar os festejos dos oragos das suas freguesias.

Santos da porta não fazem milagres, é bem certo. E lá vão, por isso, na penitência das léguas, até à Senhora da Abadia, Senhora de Antime, Santa Marta, S. Bento da Porta Aberta, Santa Agueda, Senhora das Neves, S. João de Braga, etc.

<i>S. Bento da Porta Aberta,</i>	<i>O' Santa Marta do alto,</i>
<i>por que a não tendes fechada?</i>	<i>romaria só de um dia!</i>
<i>— Quereis ver os passageiros,</i>	<i>Se tivera dois ou três,</i>
<i>que vos passam na estrada? <sup>(2)</sup></i>	<i>isso era o que eu queria. <sup>(3)</sup></i>

<sup>(1)</sup> *O culto da alfádega e dos cravos*, por Alberto V. Braga.

<sup>(2)</sup> «Páginas Folclóricas», por Luís Chaves, na *Rev. Lusitana*, vol. 33.º, pág. 226.

<sup>(3)</sup> *Cantares do Minho*, por Fernando C. Pires de Lima, pág. 93.

*Fui ao S. João a Braga,  
só p'ra ver a romaria;  
põe-te a pé, ó S. João,  
põe-te a pé, que já é dia. (1)*

*Fui ao S. João a Braga  
e toquei na portaria.  
— Abre-me a porta, meu santo,  
que venho de romaria.*

*Nossa Senhora da Póvoa,  
descei ao vosso arraial;  
romaria como a vossa  
não na há em Portugal.*

*O' Senhora de Almodena,  
eu hei-de ir à vossa festa,  
escolher um namorado  
pois o que tenho não presta.*

*Adeus, Senhora da Serra,  
romaria nomeada,  
onde eu te conheci,  
minha prenda amada. (1)*

*Senhora da Nazaré,  
perto vem o vosso dia;  
eu hei-de lá ir êste ano  
p'ra cumprir a romaria.*

*Nossa Senhora da Graça  
tem água num cantarinho,  
para dar aos romeiros  
quando vêm de caminho.*

*Nossa Senhora da Granja,  
bem me podeis perdoar;  
vim à vossa romaria  
só para cantar e bailar. (2)*

*Eu venho da romaria  
da Senhora da Agonia;  
e agora, que estou santo,  
dá-me um abraço, Maria.*

*O' minha Virgem das Neves,  
que dais aos vossos romeiros?  
— Dou-lhe água das minhas fontes,  
sombra dos meus castanheiros. (3)*

*O' Senhora do Amparo,  
santa de tantas bondades,  
vim fazer-vos romaria  
e vou p'ra as Necessidades.*

*Nossa Senhora da Azenha,  
que tendes no vosso andar?  
E' um raminho de cravos  
que vos pôs o meu amor. (5)*

*Quem me dera, dera, dera,  
estar a dar, a dar, a dar,  
beijinhos a S. Torcato  
à beira do seu altar. (6)*

(Continua).

ALBERTO V. BRAGA.

(1) *Tradições Pop. de S.<sup>to</sup> Tirso*, por A. C. Pires de Lima.

(2) *Etnografia da Beira*, vol. II, por Jaime Lopes Dias.

(3) *Cantos Populares Portugueses*, por A. Tomás Pires, vol. I, pág. 79.

(4) *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, pelo P.<sup>e</sup> Francisco Manuel Alves, vol. X, pág. 258.

(5) *Ocidente*, vol. III, pág. 294.

(6) *Lusa*, vol. I, pág. 82.